

A Influência da Família e Escola na Formação Identitária da Criança Quilombola

Enauanny Wênny Lira Santos ¹ 
Universidade de Pernambuco


Resumo: O presente artigo busca fazer uma reflexão acerca da construção identitária da criança quilombola. Seu objetivo é perceber a relação entre família e escola enquanto disseminadora de tradições. A parceria dessas duas esferas ajudará a criança a fortalecer sua cultura, sua autoaceitação de si e defender seu povo que por muito tempo foi estereotipado. A metodologia dar-se-á por uma pesquisa documental e bibliográfica, com análise dos documentos vigentes para Educação Escolar Quilombola. Como suporte teórico serão abordados os estudos de Munanga (2005), Custódio e Foster (2019) Silva (2002), Leidens (2018), que versam caminhos e ações conjuntas na construção de valores, respeito e pluralidade de ideias que é fundamental para a vida em cidadania como também para as interações sociais que formam a identidade da criança negra. Trabalhar essa temática em consonância com a escola e a família resulta na aceitação do seu fenotípico negro e valorização do eu e do outro, pois uma educação antirracista e para as relações étnico-raciais deve iniciar na escola, depois ultrapassar seus muros levando conhecimento através de ações socializadoras com todos que compõe o espaço escolar.

Palavras-chave: Educação antirracista; Construção identitária; Criança quilombola.

The Influence of Family and School on the Identity Formation of Quilombola Children

Abstract: *This article seeks to reflect on the construction of the quilombola child's identity. Its aim is to understand the relationship between family and school as a disseminator of traditions. The partnership between these two spheres will help children strengthen their culture, their self-acceptance and defend their people, who have long been stereotyped. The methodology will be based on documentary and bibliographical research, analyzing the documents in force for Quilombola School Education. The studies by Munanga (2005), Custódio and Foster (2019), Silva (2002) and Leidens (2018) will be used as theoretical support. These studies look at ways and joint actions to build values, respect and a plurality of ideas, which is fundamental for life as a citizen, as well as for the social interactions that form the identity of black children. Working on this theme in conjunction with the school and the family results in acceptance of their black phenotype and appreciation of self and other, because anti-racist education and ethnic-racial relations must begin at school, then go beyond its walls, bringing knowledge through socializing actions with everyone who makes up the school space.*

Keywords: *Anti-racist education; Identity construction; Quilombola children.*

¹ Mestre do Programa de Mestrado Profissional em culturas africanas, da diáspora e dos povos indígenas – PROCADI; Especialista em Estudos de História (PROMINAS); Atendimento Educacional Especializado (Faculdade Campos Eliseos); Graduada em História (FABEJA) e Pedagogia - (UPE)  ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3201-6069>, e-mail: enauanny@gmail.com

La influencia de la familia y la escuela en la formación de la identidad de los niños quilombolas

Resumen: Este artículo busca reflexionar sobre la construcción de la identidad del niño quilombola. Su objetivo es comprender la relación entre la familia y la escuela como difusora de tradiciones. La asociación entre estas dos esferas ayudará a los niños a fortalecer su cultura, su autoaceptación y a defender a su pueblo, durante mucho tiempo estereotipado. La metodología se basará en la investigación documental y bibliográfica, analizando los documentos vigentes para la Educación Escolar Quilombola. El apoyo teórico será proporcionado por los estudios de Munanga (2005), Custódio y Foster (2019) Silva (2002), Leidens (2018), que buscan caminos y acciones conjuntas en la construcción de valores, el respeto y la pluralidad de ideas, fundamental para la vida como ciudadano, así como para las interacciones sociales que forman la identidad de los niños negros. Trabajar este tema en conjunto con la escuela y la familia resulta en la aceptación de su fenotipo negro y en la valoración de sí mismo y del otro, porque la educación antirracista y la educación para las relaciones étnico-raciales deben comenzar en la escuela, y luego ir más allá de sus paredes, llevando el conocimiento a través de acciones socializadoras con todos los que componen el espacio escolar.

Palabras-clave: Educación antirracista; Construcción de identidad; Niños quilombolas.

1 INTRODUÇÃO

Em um mundo cuja globalização transforma e modifica o sujeito é importante aprender sobre a cultura do outro, para que um conjunto de conhecimento seja adquirido. Viver em um mundo diverso e multicultural, no qual, cada povo traz consigo seus costumes que é perpassado para as gerações, faz com que o sujeito consiga compreender a sociedade e o local onde o ser humano está inserido. Trabalhar na criança desde cedo conceitos que valorizem e respeitem a cultura do próximo é fundamental para se tornarem adultos abertos, empáticos, instruídos e informados.

Diante do contexto histórico da população negra escravizada é possível entender a trajetória étnica, suas formas de resistência e a criação de quilombos, trazendo um relato cultural que auxilia no fortalecimento identitário dessa raça dentro e fora das comunidades. Explorar na criança as habilidades que as façam perceber que existem sentimentos, necessidades e maneiras de pensar diferentes é importante para sua formação cidadã. Assim, como a família quilombola incentiva a criança acerca da sua formação identitária? E a escola, reforça ou diminui a história da população quilombola?

Através de análise documental e bibliográfica foi feito um levantamento de dados sobre a história da população quilombola e seus avanços educacionais para com essa modalidade de ensino. De caráter descritivo, tende a fazer uma investigação acerca de como se forma a identidade das crianças em idade escolar, baseados nos documentos do Ministério da Educação, norteando-se pelo decreto de lei nº 6.261 de 20 de novembro de 2007 que garante melhores condições de vida para essas pessoas fortalecendo a identidade desse povo.

O que impulsionou a realização deste trabalho foi a necessidade de compreender a construção da identidade das crianças quilombola no contexto de uma educação que envolva as relações étnico-raciais, como a desconstrução de estereótipos imposta por uma sociedade com pensamento arcaico e preconceituoso que influencia a percepção da criança em ver o eu e o outro.

Almejando que a equidade um dia seja sobreposta perante as diferenças é importante levantar questões que instiguem as crianças a desenvolverem o senso crítico para entenderem que cada população carrega sua própria cultura, como também entender o papel da escola

nessa trajetória de valorização da história e da cultura afro-brasileira, envolvendo como atividades rotineiras uma educação antirracista.

2 METODOLOGIA

Este artigo constitui-se através da pesquisa documental e bibliográfica, uma vez que uma completa a outra. A análise documental se justificará por sua importância em contextualizar a história da população negra com a formação identitária da criança.

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural (SÃ-SILVA, ALMEIDA, GUINDANE, 2012, p.2)

Os autores ainda reforçam que “a análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros” (SÃ-SILVA, ALMEIDA, GUINDANE, 2012, p.2). Foram os documentos que garantiram nas escolas uma educação voltada para a valorização e o respeito com a história Afro-brasileira.

A metodologia bibliográfica foi de grande valia nesta pesquisa, pois foram através de artigos, livros e revistas que foram coletadas informações que embasaram a fundamentação teórica deste artigo para aprofundar o conhecimento sobre a temática abordada. “A pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo” (SOUZA et al., 2021, p. 66).

Nestes caminhos de investigação, fortaleceu-se o conceito de identidade defendido por Silva (2002), Furtado (2014) e Leidens (2018), quando os mesmos defendem que a identidade se forma em volta à sociedade e que pode ser transformada com o passar do tempo e através das construções simbólicas entre a sociedade e as diversas culturas. Entender que é através da cultura e história de um povo que as crianças irão conhecer a ancestralidade da população quilombola como um povo que lutou para sua liberdade. Ainda é importante reforçar que a pesquisa bibliográfica:

baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado. Na realização da pesquisa bibliográfica o pesquisador tem que ler, refletir e escrever o sobre o que estudou, se dedicar ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos (SOUZA *et al.*, 2021, p. 66)

Diante do que já foi exposto é essencial analisar as leis 10.645/2003 e 11.645/08 em consonância com a Base Nacional Comum Curricular- BNCC para saber se as escolas estão contribuindo no pertencimento e reconhecimento identitário das crianças negras quilombola promovendo respeito e equidade. A pesquisa se deteve em fazer uma abordagem histórica, cultural e educacional, para tecer os avanços conquistados pela população quilombola, bem como fortalecer a identidade deste povo ajudando na formação de futuras identidades negras.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Brasil colonial com o aumento na produção do açúcar, tornou-se necessário o trabalho de um número cada vez maior de pessoas. Inicialmente, os portugueses escravizaram os indígenas que aqui viviam, depois, passaram a comprar pessoas na África e trazê-las para trabalhar como escravos no Brasil.

Os africanos eram capturados em suas aldeias e levados para as feitorias próximas ao porto de embarque. A compra e o transporte de africanos para o Brasil eram realizados por comerciantes portugueses e luso-brasileiros. Eles negociavam com alguns chefes africanos, oferecendo produtos em troca dos escravos.

As condições nas quais os escravos viviam eram sofridas, a violência colonial desumanizou o negro, tentaram aniquilar sua cultura “nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua deles pela nossa, para destruir a sua cultura sem lhes dá a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga” (FANON, 1968, p.9). Assim além do sofrimento físico, ainda queriam impor uma nova cultura, sofriam por serem propriedades de outros, como também com os castigos dos patrões. Os escravos africanos e seus descendentes lutaram contra a escravidão. As fugas individuais e coletivas eram frequentes. Escravos fugidos procuravam a proteção de negros livres ou libertos que viviam nas cidades,

onde poderiam se passar por pessoas livres. Muitos formavam comunidades, aliando-se a outros grupos da sociedade colonial. Essas comunidades eram chamadas de quilombos.

Desde o século XVII até o final da escravidão, no século XIX, muitos africanos e seus descendentes se refugiavam em quilombos, construindo história de luta pela liberdade. Embora as populações quilombolas fossem compostas principalmente de africanos e seus descendentes, havia também indígenas ameaçados pelo avanço da conquista portuguesa, brancos pobres ou simples aventureiros e vendedores.

Foi da história do povo negro que se construiu uma concepção de que nos quilombos foram “tratados na historiografia e na educação brasileira como se restringindo a “redutos de escravos fugitivos” e a experiências do período escravista” (BRASIL, 2006, p. 142), esquecendo que estes ambientes prevalecia uma cultura carregada de tradições e histórias com desejos de liberdade.

Os africanos trazidos para o Brasil no processo de diáspora foram e são por muitos tempos inferiorizados por um período histórico, baseados na raça. Entende-se por raça “O conjunto de indivíduos cujas características corporais são semelhantes e transmitidas por hereditariedade, embora possam variar dum indivíduo para outro” (FERREIRA, 2001, p.578). Logo:

O termo raça dialoga primeiramente com a variabilidade dos seres humanos em termos físicos. Ou seja, a base dessa compreensão reside no fato de que os seres humanos possuem uma grande variabilidade de tipos em termos de suas respectivas aparências, especialmente quando leva-se em consideração o grau de intensidade da pigmentação de suas peles, os tipos faciais, as cores dos olhos, o formato dos cabelos e, em alguns casos, a forma corporal (altura, peso, tipo corpóreo). (PINHO, SASONE, 2008, p. 28)

Porém quando surge esse termo raça humana, surge a ideia de uma diferenciação de pessoas, inferiorizando o negro, podendo ocorrer o racismo, que é a discriminação a pessoas que possui uma raça ou etnia diferente. O racismo pode ser entendido como “uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos” (MUNANGA, 2005, p. 60).

Para justificar a existência de preconceitos raciais criam-se os estereótipos, que são os preconceitos que se “constituem em um juízo prévio a uma ausência de real do conhecimento do outro” (MUNANGA, 2005, p. 24).

O estereótipo é um elemento falseador, que assume uma postura pejorativa para com o outro precisando ser mudada para sanar os efeitos negativos que ele causa na sociedade, principalmente na criança em seu processo de formação. Ele aparece anônimo, reduzindo o outro através de um comportamento racista separando as pessoas na sociedade por características relacionada ao fenótipo (SILVA, 2020).

Cada indivíduo tem suas particularidades, sua cultura própria, contribuindo para a construção de sua identidade. Para entender a questão cultural vale salientar que Clifford Geertz foi o que mais contribuiu para um conceito de cultura, diz ele:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado, (GEERTZ, 1989, p.4)

A cultura está representada nas ações, percebidas através das mesmas, como também, nas atitudes, nos gestos e no conjunto de experiência de uma sociedade que valoriza seus costumes. Sendo assim, a cultura sobrevive com o passar do tempo, fazendo com que os homens pensem se comuniquem e transmitam suas tradições adquirindo novos saberes, respeitando a identidade e a história de cada povo.

Não se pode falar em cultura sem falar na formação da identidade, pois através dos conceitos anteriores vimos que a cultura interfere diretamente na formação do sujeito através da sua herança cultural, pois ela não é estática e está em constante mudança. O termo popular da palavra identidade pode ser entendido como “o que” ou “quem eu sou”. No mundo moderno a identidade pode transforma-se de acordo com a cultura, a orientação sexual, a história, a sociedade, a passagem de tempo, os fenótipos, etc. Assim é importante ensinar as crianças que elas são formadoras de novas identidades. “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedade de mudanças constantes, rápida e permanente” (HALL, 2006, p.14).

Neste contexto, o conceito de identidade será explicado por meio de definições já existentes, em produções teóricas de autores que trabalham essa temática, levando em

consideração a questão global da palavra e as mudanças de identidade que ocorrem no passar do tempo. Identidade pode ser entendida como uma construção que se dá nas relações sociais podendo ser transformada com o passar dos tempos. Ela pode ser também uma construção simbólica nas relações entre os pares e através de mudanças históricas e culturais que, ao se relacionar ao passado, muda a cada contexto (SILVA, 2002).

Tomaz Tadeu da Silva, diz que é fácil definir a identidade que ela é aquilo que se é: "sou brasileiro", "sou negro", "sou heterossexual", "sou jovem", "sou homem". A identidade assim concebida parece ser uma positividade ("aquilo que sou"), uma característica independente, um "fato" autônomo" (SILVA, 2002).

A identidade também pode ser entendida como algo em movimento em que sujeito irá se inserir ao longo do tempo, podendo também ter sentido de coletividade, é por ele que se absorve a história, a cultura e os saberes sociais. "A identidade seria, portanto, algo que se move em direção às diferentes representações e a que somos interpelados pelo sistema cultura" (FURTADO; SUCUPIRA; ALVES. 2014, p. 108) e ainda que essa identidade se forma através dos grupos sociais e que se desenvolve através das relações de diferenças e contratos, logo:

A constituição da identidade se dá por um grupo de indivíduos ao compartilharem significados e objetos simbólicos como língua, história, religião, interesse, gostos e cultura, em oposição aos que não partilham e se colocam, portanto, no lugar de alteridade (FURTADO; SUCUPIRA; ALVES, 2014, p. 108)

Discutir questões como as levantadas anteriormente possibilita na criança seu desenvolvimento como um ser social que possui uma história e por meio dela interagem e produzem cultura. A educação infantil considerada a primeira etapa da educação básica, tem o objetivo de ampliar o conhecimento, fortalecer e complementar a educação família. A BNCC respaldada com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil- DCNEI conceitua a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p.12)

Em consonância com a BNCC, a criança precisa aprender de acordo com suas experiências, assim é necessário saber a importância das comunidades quilombolas para formação de um povo.

Espera-se que as crianças sejam o futuro de uma sociedade mais justa e igualitária, por isso conhecer o meio em que as mesmas vivem é essencial para a formação da sua personalidade. Estudo recente afirma que:

A identidade se forma envolta à sociedade, o sujeito está ligado de forma intransponível à sociedade da qual é originário e terá sua identidade formada a partir da carga de influências, construída de inúmeras maneiras por ela. Ainda que haja a possibilidade iminente de um distanciamento do sujeito da sociedade que primeiramente o formou, não poderá se desvencilhar por completo. A formação da identidade é um diálogo complexo e volátil entre o sujeito e a sociedade e acontece de forma ininterrupta e abrangente. (LEIDENS, 2018, p.4)

Portanto, a influência pela qual a criança passa é decisória para compor a sua identidade, pois ela é fruto do meio social.

A Construção simbólica que se dá em relação ao outro e se constitui num processo histórico e cultural que, operando com o passado, com a ancestralidade e a hereditariedade, processa o presente e transforma-se a cada momento e a cada contexto da história. (SILVA, 2002, p.1)

Tentar fazer as crianças se identificarem como seres produtores de cultura é desafiador perante as diferenças. O costume, a tradição, a história de seu povo e a religião devem ser valorizadas nas comunidades quilombolas, assim sua herança cultural passará para as gerações vindouras.

As crianças quilombolas precisam sentir-se inseridas em uma sociedade que não as vejam como inferiorizadas, elas precisam se reconhecer como pertencentes e protagonistas de uma historiografia africana, no qual não se sintam estereotipadas.

Foi no Decreto Executivo nº 5.051/04 com a convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho/ convenção sobre os povos indígenas e tribais) que a auto atribuição na legislação brasileira, torna a etnicidade da comunidade quilombola legal, fazendo valer seus direitos sociais, econômicos e culturais, respeitando a sua identidade.

Focar na construção da identidade do estudante e dá condições para que eles se conheçam e não neguem a sua origem. No contexto da educação escolar quilombola é necessário levar as crianças a pensar em sua formação cidadã, com conteúdo que vai além do conhecer a sua própria história e de seus ancestrais na luta para a sua libertação.

A cultura “torna-se elemento fundamental de afirmação de uma identidade coletiva e individual. Os elementos culturais passam a ser manuseados de acordo com a necessidade do grupo na construção de uma identidade” (AQUINO, et al. 2008, p.14) e ainda [...] “os quilombolas constroem novas identidades partindo de antigos ou novos sinais diacríticos na busca de criar valores diferentes do “outro” estabelecendo, então, fronteiras étnicas” (AQUINO, et al. 2008, p.14), ou seja, cada comunidade quilombola tem sua cultura particular que se diferencia das comunidades remanescentes de uma forma geral.

De acordo com a BNCC a criança deve conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, sendo assim pode-se entender que a ludicidade propicia a aprendizagem de modo mais atrativo levando a criança a refletir de forma dinâmica sobre o eu e o outro (BRASIL, 2017). O material didático pedagógico a ser utilizado deve ser relevante no processo de ensino e aprendizagem,

A DCN para a EEQ, a efetivação da produção de material didático-pedagógico fica sob a incumbência da União, do Distrito Federal, dos Estados e Municípios, levando se em consideração as ações cooperativas para aquisição e distribuição de livros e materiais que abordem a história, cultura africana e afro-brasileira e especificidades das comunidades quilombolas (CUSTÓDIO, FOSTER, 2019, p. 204)

É preciso que os meios sejam ofertados para que os professores utilizem de práticas inovadoras na elaboração de atividades lúdicas que instiguem a atenção das crianças, para que no final tenham uma aprendizagem satisfatória.

Na Educação Escolar Quilombola deve ser contemplada no seu calendário escolar com as datas comemorativas na valorização do povo Africano como o dia da consciência negra.

Promover ampla reflexão sobre a consciência democrática nacional, uma vez que as múltiplas formas de diálogo contribuem para a construção de identidade afirmativa capaz de protagonizar ações solidárias e autônomas de constituição de

conhecimento e valores fundamentais para a vida cidadã (CUSTÓDIO, FOSTER, 2019, p.195)

Por isso as atividades de classe e extraclasse na comemoração dessas datas se faz importante na valorização da cultura para que a mesma seja propagada não só entre muros escolares, assim a criança terá a oportunidade de levar para a comunidade todo o seu conhecimento sobre as temáticas envolvendo o seu povo, entretanto vale salientar que o estudo da população negra não deve se restringir em datas folclóricas, mas durante o ano todo, fazendo valer a lei 10.639/2003.

3.1 A influência da família e da escola na construção da identidade

A criança é um sujeito do meio social e é através das interações no seu entorno que ela se desenvolve (IVIC, 2010). A influência que a criança recebe na sua formação identitária ajudará a sua percepção em ver o outro. Sabendo disso vale salientar o papel da família e da escola nessa construção identitária, uma vez que a educação escolar é dever da família e do estado.

Em acordo com a BNCC, nos campos de experiência “o eu, o outro e o nós” enfatiza que:

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando - se como seres individuais e sociais (BRASIL, 2017, p. 40)

A família tem papel fundante na formação da identidade e no respeito para com o outro, é nos laços familiares que se desenvolvem os primeiros contatos sociais das crianças. A família é o principal responsável no desenvolvimento humano, ocorrendo as primeiras interações das crianças; é na família que se inicia aprendizagens básicas para formação de um cidadão ético. É no seio familiar que a criança conhece conceitos como regras e respeito para

com o próximo fazendo que já na infância se aprenda práticas culturais que fundamentam a socialização entre os indivíduos (PETRUCCI et. al, 2016).

Ao sair do convívio familiar e iniciar a vida estudantil a criança muda sua rotina e inicia novas experiências. Sabendo que a ludicidade deve seguir junto na caminhada educacional da criança pequena. Silva (2015) trata a ludicidade como um instrumento que auxilia a criança na formação cidadão, pois vai desenvolver a capacidade de observar e levantar hipóteses, ensinando a criança a pensar. É através do pensar que a criança vai construir conceitos identitários que resultam nesse processo de interação social e histórico.

A identidade da criança se constrói nas relações que elas vivenciam. As DCNEI garantem o “reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação” (BRASIL, 2009, p.2) são essas relações com as diversas culturas que na infância a criança vai aprender a valorizar o outro, respeitando, lutando pelos direitos das pessoas negras assegurados pela constituição.

Por causa do silenciamento das instituições em não trabalhar da forma como deveria uma educação para as relações étnico-raciais, as crianças negras desde a infância são submetidas a crescerem vítimas de preconceitos e estereótipos difundidos no dia a dia, sendo construída uma identidade confusa, sem entender a necessidade de conhecer e respeitar o outro. Só na vida adulta e depois de conhecer as diversas formas de racismo que as mesmas lutam por seus direitos.

A educação infantil considerada a primeira etapa da educação básica, tem o objetivo de ampliar o conhecimento, fortalecer e complementar a educação família. Discutir questões como as levantadas anteriormente possibilita na criança seu desenvolvimento como um ser social que possui uma história e por meio dela interage e produz cultura.

A valorização da identidade negra quilombola deve ser exposta nas escolas, não apenas em datas esporádicas, mas durante o decorrer do ano, pois a escola como lugar de aprendizagem precisa ensinar as crianças que existe pessoas diversas, com traços fenótipos diferentes. O professor na escola é peça importante nessa propagação de ideias que valorize as relações étnico-raciais, pois é através dele no espaço escolar que as crianças vão aprender o respeito para com o outro.

3.2 Uma educação antirracista e sua importância

Quando a criança inicia sua vida estudantil, deixando a família que antes era o único meio de socialização para se inserir em novos ambientes como a escola, é importante que exista uma relação entre as duas. O objetivo desta relação deve ser auxiliar o aprendizado das crianças, trabalhando valores como o respeito para com as diversas etnias, ensinado de início do seio familiar e reforçado consecutivamente nas escolas.

A escola é o local de continuidade na socialização iniciada pela família é neste espaço que muitas vezes acontece o racismo, em sua maioria, apresentam-se por meio de brincadeiras hostis que menospreza e diminui a cultura alheia. “O racismo aparece na escola de maneira sutil, camuflado em formas de brincadeiras, apelidos, mas que podem impedir os alunos negros de construírem a sua identidade étnica de maneira positiva” (CARVALHO, 2020, p. 26).

E com uma educação antirracista vivenciada no cotidiano escolar que toda forma de racismo e preconceito para com as diversas culturas devem ser diminuídos, a partir deste processo de ensino e aprendizagem a escola deve proporcionar o conhecimento do eu e do outro para diminuir tais preconceitos. A criança quilombola só vai ter seu pertencimento identitário positivo se suas raízes forem valorizadas na família como também no espaço escolar. A escola precisa vivenciar cotidianamente no seu currículo conteúdos que promovam a história e a cultura negra quilombola. O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola precisa dialogar sempre com os sujeitos escolares, para que, ocorra de fato uma educação antirracista que esteja presente no cotidiano das escolas.

É no PPP que deve constar ações se sejam refletidas nas escolas para o enfrentamento ao racismo. Ele é um documento norteador da escola que deve conter propostas permanentes no combate a qualquer tipo de discriminação, assim:

O projeto político-pedagógico se constitui como elemento norteador do ser e do fazer da escola. Na verdade, é um conjunto de relações a partir das quais o educador e a comunidade “leem” a si mesmos e ao mundo num processo relacional. Ao educar o olhar e a escuta para o mundo, a nação, a cidade, o bairro, a rua, a escola e a sala de aula processam suas sínteses, questionam o exercício do poder, as situações de afetividade, as vivências das diferenças, situações de conflito, a solidariedade, a cooperação e a justiça (ROCHA, 2006, p. 55)

O professor deve mediar as relações em sala de aula junto da escola praticando ações que propague o respeito. É importante trabalhar uma educação voltada para a cultura e a valorização do povo negro desde a infância. O professor em sua mediação precisa apresentar diversas culturas, fazendo a criança perceber que todos possuem características fenotípicas diferentes e que elas precisam ser respeitadas. A criança sujeito histórico e de direito, constrói a sua identidade através das interações (BRASIL, 2010).

Deste modo, trabalhar na infância a socialização e o respeito para com o próximo, promoverá respeito com as diferenças e a criança irá formar a sua identidade. É nesta construção identitária trabalhada nos espaços escolares que o professor precisa apresentar a sua cultura, como também a cultura do outro, para que não haja nenhum estranhamento por parte das crianças em ver negros em lugares de destaque.

3.3 Resultados Alcançados

Diante da luta do povo negro por liberdade é notório quantos avanços a população negra e quilombola alcançou com o passar dos séculos, uma delas foi o direito à liberdade. Depois disto, é possível identificar a ascensão deste povo. Foi a partir do decreto nº 5.051/04 com a convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho / Convenção sobre os povos indígenas e Tribais) que a etnicidade desse povo foi garantida.

Para que as crianças se reconheçam como suas personalidades negras aceitando seus traços fenotípicos é necessário trabalhar conceitos que valorizem o eu e o outro, mostrar aos estudantes que o conceito de raça é uma construção ideológica e social que serve para hierarquizar as diversas etnias, criando estereótipos e preconceitos reverberados na sociedade em forma de racismo. Com isso, apresentar a cultura do outro às crianças no seio familiar é um grande passo para promoção do respeito para com o outro, como reforçar tais apresentações no ambiente escolar.

A escola também tem papel fundante neste processo de formação da identidade, pois é ela que vai reforçar ou diminuir conceitos vindos de casa, com o intuito de valorizar a cultura e a história da população quilombola, bem como, contribuir para formação de um cidadão ético, que respeite as múltiplas etnias, pois, “em um ambiente onde a discriminação

e o preconceito imperam, as relações interpessoais não são privilegiadas igualmente, tornando menos possível uma plena convivência entre pares” (MACEDO, 2016, p. 107).

Segundo a BNCC, a educação infantil como etapa da educação básica, deve proporcionar as crianças interações e brincadeiras, para que por meio delas construam conhecimentos nas ações entre os pares e os adultos (BNCC, 2017). Neste viés, o professor assume o papel de mediador que ajuda no desenvolvimento e na socialização nas crianças e no processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, a educação escolar quilombola ainda precisa evoluir tendo em vista, que o currículo escolar precisa inserir cotidianamente uma educação para as relações étnico-raciais, para que tal temática não esteja presente na escola apenas no dia da consciência negra. Desde a infância trabalhar nas escolas as questões raciais, permite que as crianças construam identidades positivas de si e de outros é também um meio para que ela possa estar em contato com a cultura afro-brasileira e africana (SILVA, 2020) fazendo com que as leis 10.639/2003 e 11.645/08 e sejam efetivadas no espaço escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base os escritos acima e as contribuições dos autores citados sobre a construção da identidade da criança negra quilombola, é possível afirmar que apesar dos direitos conquistados para a pessoa quilombola ainda é necessário políticas públicas que valorize a história e a cultura da população negra, incentivando as comunidades na valorização de sua identidade, para que essa construção seja positiva para as crianças.

Sendo a família os primeiros educadores das crianças, ela precisa retratar sua cultura de maneira positiva para que as mesmas, cresçam reconhecendo seu valor como sujeito produtor de cultura. Assim, crianças que ouvem e veem sua cultura ser enaltecida no seio familiar terá seu pertencimento racial fortalecido contribuindo para uma identidade positiva de si. A escola também exerce papel importante nesta formação, uma vez que ela irá reforçar ou diminuir as experiências vindas de casa apresentando um repertório cultural amplo para valorização da identidade e cultura quilombola.

Portanto, família e a escola precisam caminhar juntas para que se construam valores que promovam o respeito da criança com ela mesma e para com os outros, levando para as escolas uma educação antirracista e que tal temática esteja explícita no currículo escolar para que ela seja vivenciada diariamente nas instituições garantindo a aplicabilidade das leis.

Referências

AQUINO, Cássio Adriano Braz. SOUZA, Mabel Melo. MONTEIRO, Francisco Herbert Pimentel. **A Valorização da Cultura Negra e outras Ações Como Estratégias de Desenvolvimento: Caso da Comunidade. Quilombola de Horizonte-CE.** Cadernos Camilliane. 2008.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Org. **Educação Infantil Igualdade Racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais.** São Paulo. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade - CEERT 2012

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução n. 5/2009, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica – CEB. Dez. 2009

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC.** MEC. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em 15/11/2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica.** – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CARVALHO, Daniela Melo da Silva. **A Escola no Enfrentamento ao Racismo.** 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13135/2/DANIELA_MELO_SILVA_CARVALHO.pdf Acesso em 28 setembro. 2021.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão *FOSTER, Eugénia da Luz Silva. Educação escolar quilombola no Brasil: uma análise sobre os materiais didáticos produzidos pelos sistemas estaduais de ensino. **Educar em Revista,** Curitiba. 2019. Disponível: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/62715> Acesso em 14 agosto 2020

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** Editora Civilização Brasileira Rio de Janeiro 1968.

FURTADO, Marcella Brasil. SUCUPIRA, Regina Lúcio. ALVES, Cândida Beatriz. **Cultura, Identidade e Subjetividade Quilombola: Uma Leitura a Partir da Psicologia Cultural.** Universidade de Brasília/ DF. Brasil. 2014

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Ed. 11. Rio de Janeiro: DPSA,2006.

IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky.** Edgar Pereira Coelho (org.) - Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LEIDENS, Alexandre. **A Formação da Identidade na Educação Escolar Quilombola.** Muiiraquitã, UFAC, ISSN 2525-5924, v. 6, n. 1, 2018.

MACEDO, Aldenora. A gestão escolar democrática e a implementação da educação antirracista na escola. **Revista Espaço Acadêmico** - nº187 – p. 106 – 119. 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola.** 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

PETRUCCI, Giovanna Wanderley, BORSA, Juliane Callegaro, KOLLER, Sílvia Helena. A Família e a Escola no Desenvolvimento Socioemocional na Infância. **Trends in Psychology / Temas em Psicologia** – Vol. 24, nº 2, 391-402 DOI: 10.9788/TP2016.2-01Pt. 2016.

ROCHA, Louro Cornélio da. **As relações étnico-raciais, a cultura afro-brasileira e o projeto político-pedagógico.** Salto para o Futuro- Currículo, relações raciais e Cultura Afro-brasileira. 2006. p. 1-76. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/curriculo_relacoes_raciais_e_cultura_afro_brasileira.pdf#page=50 Acesso em 31 de setembro 2021.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie. Almeida, Cristóvão Domingos de. Guindani, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I - Número I - Julho de 2009

SILVA, Wilker Solidade, MARQUES, Eugênio Portela Siqueira. Educação e relações étnico-raciais: a lei 10.639/03, a formação docente e o espaço escolar. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p.47-56, jul./dez. 2015.

SILVA, Flávia Carolina da. Educação das relações étnico-raciais na educação infantil: caminhos necessários para uma educação antirracista. **Revista da ABPA**, v. 12. n° 33. P. 66-84. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Org. **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000 p. 73 -102. Disponível em:
file:///C:/Users/Cliente/Downloads/A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20identidade%20e%20diferen%C3%A7a%20(2)%20Tomaz%20Tadeu%20da%20Silva%20(1).pdf .
Acesso 07 de agosto de 2020

SILVA, Vera Lúcia Neri da– UFF GT: **Educação de crianças de 0 a 6 anos**/ n. 07
Agência Financiadora: CAPES As Interações Sociais e a Formação da Identidade da Criança Negra. 2002. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt07/t079.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2020.

SANSONE, Livio. PINHO, Osmundo Araújo. Org. **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2 ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

Recebido em: 20 de outubro de 2023.

Aceito em: 3 de novembro de 2023.

Publicado online em: 17 de novembro de 2023.